

Os operários corticeiros em Sines - III

Os anos 20: os tumultos de 1926

A Administração do Concelho de Sines entre 1926 e 1927 viveu assoberbada pelas necessidades de vigilância aos “revolucionários”. Publicavam-se no distrito de Lisboa “manifestos revolucionários (1)”, circulavam livros como *Mussolini, Garibaldi & Cia*, “cuja venda foi proibida por conter matéria injuriosa para o presidente do Conselho de Ministros da Italia (2)”.

Segundo Américo Leal, na obra *Quem Somos! (3)*, a década de 20 foi, em Sines, plena de manifestações e tumultos. Apesar de não se conhecer os acontecimentos ocorridos com segurança, um dos episódios terá gerado uma importante memória colectiva. Assim, uma greve dos corticeiros nesse período terá sido frustrada pelo industrial da cortiça Carlos Esteves, que alugou o iate Violeta para embarcar a cortiça para Lisboa. A greve não foi bem sucedida, mas o acontecimento deu origem a uma quadra:

*Violeta é uma flor
Que anda no mar a baldão
Violeta vá ao fundo
Morra o patas de leão*

Em 1926, entre 21 de Junho e 17 de Julho, houve uma paralisação das actividades económicas em Sines, em que os operários corticeiros e os republicanos tiveram um papel relevante. A Associação Comercial e Industrial de Sines, segundo António Campos no seu trabalho *Associação Comercial e Industrial de Sines: História Administrativa e Custodial (4)*, desempenhou um papel fundamental nesse conflito, pelo envio de uma carta ao Presidente do Ministério e ao Ministro do Interior a responsabilizar o Administrador do Concelho, recentemente nomeado pelo Governador Civil, pela situação. Poderá mesmo ter sido esta actuação a motivar o final da Associação, já que o último documento do seu arquivo data de 24 de Janeiro de 1927. Entre os membros da Associação contavam-se importantes republicanos, como Avelino Soares de Jesus e Joaquim Pereira Luz.

O 18 de Janeiro de 1934

A legislação do Estado Novo, fortemente restritiva do movimento sindical pelas regras impostas, produziu violentos protestos. Na madrugada do dia 18 de Janeiro dão-se acções de protesto, nomeadamente cortes de linhas telefónicas e telegráficas, sabotagem de linhas férreas e de estradas, atentados e assaltos a um ou outro local importante do ponto de vista político ou económico, confrontos com forças da ordem, lançamento de pedras e bombas em lugares públicos, e, por situações de greve.

Em Sines (5), a greve durou um dia, mas registou uma adesão maciça, decorrendo de forma pacífica, e não houve notícia de atentados ou violência. Um funeral, ao qual afluíram 400 pessoas, serviu de pretexto.

Entre os organizadores encontram-se artesãos, pedreiros e trabalhadores. Outros grupos são os dos carpinteiros, pintores, trabalhadores rurais, operários das várias fábricas corticeiras e de conservas de peixe, padeiros, barbeiros, comerciantes. Entre estes últimos, Américo Leal (6) nomeia os republicanos João Barbosa, João Mendes, Joaquim da Luz e a família Guizado. Segundo Fátima Patriarca (7), o movimento de

protesto terá sido conduzido e organizado por Manuel Estolano (pedreiro), Francisco Garcia (sapateiro), e os trabalhadores José dos Santos, Artur dos Santos, Alexandre Maurício e Emílio Ferreira, cujas profissões e filiação política a autora não conseguiu apurar.

Já Américo Leal (8) atribui aos operários corticeiros a responsabilidade de mobilizar os operários, embora reconhecesse que “cinco elementos [Emílio Ferreira, operário padeiro; Manuel Estolano, operário da construção civil, Pedro Chapa, descarregador de mar e terra, Tomás Gazil, barbeiro e Alberico, corticeiro] da CL [Comissão de Luta] “dirigiram a luta” e eram anarco-sindicalistas. Para o autor, contudo, o papel fundamental partiu dos operários corticeiros e da construção civil, como António Botelho, José Lázaro ou Francisco Beja, “todos comunistas”.



1926, Março, 31, Iate Violeta – Factura do transporte de cerâmica para a Câmara Municipal de Sines no Iate Violeta. AMSNS/CMSNS/Correspondência recebida.

(1) 1926, Novembro, 5, Lisboa – O Governador Civil de Lisboa avisa o Administrador do Concelho de Sines acerca da impressão clandestina, nos concelhos do distrito, de “vários escritos de protesto contra a actual situação”. PT/CMSNS/ADC/H/A/12.

(2) 1927, Dezembro, 23, Lisboa - O Governador Civil de Lisboa avisa o Administrador do Concelho de Sines acerca da apreensão do livro Mussolini, Garibaldi & Cia, “cuja venda foi proibida por conter matéria injuriosa para o presidente do Conselho de Ministros da Italia”. PT/CMSNS/ADC/H/A/12

(3) LEAL, Américo – Quem Somos! : testemunhos. 1º edição. S.l.: edição do autor, 2001. Pp. 93-94.

(4) CAMPOS, António - Associação Comercial e Industrial de Sines: História Administrativa e Custodial: trabalho académico de mestrado orientado pelo Doutor Paulo Guimarães [documento policopiado]. Évora: Universidade de Évora. Departamento de História, 2008. P.8. O fundo desta Associação encontra-se no Arquivo Histórico Municipal Dr. Arnaldo Soledade.

(5) PATRIARCA, Fátima – Sindicatos contra Salazar: a revolta de 18 de Janeiro de 1934.1ª edição. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2000. ISBN 972-671-062-6, pp.381-393.

(6) LEAL, Américo – op. Cit, p.95.

(7) PATRIARCA, Fátima, op. Cit, pp.382-383.

(8) LEAL, Américo, op. Cit, p.95.